

“MOMÃE”: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA CLÍNICA ATRAVESSADA PELA MORTE

“MOMÃE”: REPORT OF A CLINICAL EXPERIENCE CROSSED BY THE DEATH

Priscila Rutiquewiski¹

RESUMO

O morrer é uma experiência que sempre nos foge, uma vez que a morte é a ausência de toda e qualquer representação, e, logo, nela não há atividade psíquica. Neste cenário psicanalítico, se não há registro da morte no inconsciente, a imortalidade tornea a fantasia que criamos em torno desse não saber fundamental. Para tanto, o presente artigo elucida um caso clínico de uma adolescente que chega ao consultório decorrente da perda de sua mãe e a partir do qual se discorre sobre a elaboração do luto, sendo este um processo de identificação com o objeto perdido, no qual há retirada gradual do investimento libidinal nesse objeto e investimento em novos. Esse processo não implica o desligamento total, tendo em vista que a ligação com o objeto interno permanece e é resignificada. Assim, aborda a busca por resignificar o vazio do laço amoroso e o não sentido da finitude, o real exposto pela falta do objeto, para, deste modo haver uma saída frente ao desamparo.

Palavras-chave: Morte. Luto. Infância. Psicanálise.

ABSTRACT

The death is an experience that always escapes us, once death is the absence of all and any representation, and, therefore, in its there's no psychic activity. In this psychoanalytic scenario, if there's no register of the death in the unconscious, the immortality finds its way around the fantasy we create around this fundamental not knowing. Therefore the present article enlightens a clinical case of a teenager that arrives at the clinic due to the loss of her mother from which discusses about the elaboration of the mourning, being this a process of identification with a lost purpose, in which there are gradual withdrawal of the libidinal investment in this object and investment in new ones. This process does not imply the total interruption, aiming that the link with the internal object remains and is reframed. Thus, it addresses the search for reframing the hollow of the loving tie and not the meaning of the finitude, the real exposed by the lack of the object, so that there is a way out in the face of the helplessness.

Keywords: Death. Mourning. Childhood. Psychoanalyze.

¹ Bacharel em Psicologia pela Universidade Positivo. Curitiba-PR, Brasil. *E-mail*: priscilaruti.psi@gmail.com

*A morte deveria ser assim:
um céu que pouco a pouco anoitecesse
e a gente nem soubesse que era fim...*
(Mário Quintana)

Com este poema anuncio sobre o que falarei hoje: morte. Tema este que não é silencioso a qualquer ouvinte, contudo, sabemos que o que diferencia alguém vivo de alguém morto é que o vivo ainda não morreu. Vida e morte são coisas claramente separadas, apenas, nas palavras.

Lunna. Este será o nome escolhido para falar da menina que chegou ao consultório com 11 anos e que fez a analista se deparar com todas estas questões, em ato. O nome foi elegido por em toda brincadeira, ela o escolheu para batizar suas bonecas. Se em sua fantasia escolhe esta palavra para se denominar, isso diz algo de si.

A paciente chegou ao consultório acompanhada de seu pai com a demanda de que a analista “*pudesse ajudá-la no luto de sua mãe, para que este não se tornasse patológico*”, palavras estas ditas e reditas por ela e seu pai, como se soubessem exatamente sobre o que estavam falando. A menina havia perdido sua mãe, Angélica, há nove meses para um câncer iniciado no estômago, mas que acabou se espalhando para diversos outros órgãos. Ao todo, a família conviveu com a doença por seis anos e durante todo este período, a mãe, sabendo de sua finitude, teve diversas conversas com a filha, cujo conteúdo o pai nunca teve notícias. O atendimento foi iniciado em abril, nove meses após o falecimento da mãe, assim, houve uma aposta de que decorrido este tempo gestacional, poderia emergir uma vida decorrente do que se “abriu”.

Uma vez que já havia decorrido este espaço cronológico, cabe retomarmos brevemente a questão da temporalidade. O inconsciente não segue a linearidade temporal conhecida por nós, onde início, meio e fim imperam na realização dos atos e tentativa consciente de organização de lembranças. A intensidade dos afetos contidos em determinada representação não se altera com a passagem do tempo em si, ao mesmo tempo em que tal representação não muda, esvaece ou diminui com o passar dos anos. O que pode ocorrer, no entanto, são ressignificações de determinadas representações a partir de experiências posteriormente vividas, mas o simples transcorrer do tempo cronológico não possui nenhuma consequência no inconsciente, apenas na ordenação consciente feita deste (Sirelli, 2014).

Assim, durante a primeira conversa, Lunna contou sobre “*as partes positivas e negativas de sua mãe ter morrido*”, todas circulando sua mudança de escola, perdas e ganhos de amigos, bem como a maneira como a tratavam, mas em nenhum momento mencionando a mãe em si. Além disso, explicou como “*teria depressão se não superasse a morte de sua mãe*”.

De acordo com Franco e Mazorra (2007), a morte de um genitor é uma das experiências mais impactantes que um sujeito pode vivenciar. Com os pais, morre também a ilusão narcísica da onipotência infantil em um momento em que ela é necessária como fonte de segurança. Diante da ausência irreversível de um vínculo provedor de sustentação, a criança se depara com profundos sentimentos de desamparo e impotência. Com a morte de sua mãe, Lunna

perdeu o mundo que conhecia, aquele em que o genitor podia afastar-se e ao qual retornava. Agora seu mundo está enlutado: torna-se difícil lidar com toda a gama de sentimentos que parecem invadi-la com o desmoronamento da família.

O modo como a criança é capaz de elaborar a perda de um ente querido relaciona-se a fatores intrapsíquicos (elaboração da posição depressiva arcaica e recursos para elaborar perdas) e fatores externos (relação com a pessoa perdida; relação com o pai sobrevivente; circunstâncias em que a perda ocorreu; informação recebida pela criança; possibilidade de comunicação sobre o que aconteceu e sobre a pessoa perdida; dinâmica familiar; tipo de morte; rituais; estressores e mudanças no cotidiano da criança) e está em estreita relação com a possibilidade de elaboração do genitor sobrevivente e do restante da família (Aberastury, 1973; Bowlby, 1993; Domingos & Maluf, 2003; Guérin, 1979; Klein, 1996a; Kraus & Monroe, 2005; Nickman & Normand, 1998; Winnicott, 1994; Worden, 1996).

Ainda neste primeiro momento, a menina fornece importantes informações sobre o processo de elaboração de luto de seu pai. Ao saber sobre o “custo” das sessões, pede um “desconto” do valor, explicando como “era muito caro e seu pai não conseguiria pagar”. Não era sobre dinheiro que estava sendo falado naquele momento, mas sim do que havia restado do seu pai. Ele era um homem que caminhava como se a morte o acompanhasse, a rigidez de seus modos, a escuridão de suas olheiras e o peso que havia em sua presença mostravam como a demanda de ajuda não era apenas para sua filha. Em certo momento, ele diz à analista: “uma vez ela me viu chorar”, como se confessasse, com grande dor, sua fragilidade.

Os embaraços de seu pai foram aparecendo cada vez mais no discurso. Ao relatar sobre como soube do falecimento de sua mãe, a paciente me enuncia que Angélica estava no hospital por complicações orgânicas e ela em casa a esperando, até o momento que seu pai retorna e a informa: “lembra que eu disse que a mamãe podia morrer? Então, ela morreu”, não preenchendo o vazio da dor com nenhuma outra palavra.

Entretanto, não é simples lidar com perdas. A morte do pai ou da mãe causa uma dor imensa na criança. Mas, diferente do que se pensa, falar sobre o assunto não irá aumentar essa dor, ao contrário, tende a amenizá-la, além de auxiliar a criança na elaboração de seu luto. Porém, equivocadamente, os adultos, não raras vezes, “mentem ou ocultam a verdade à criança, esta deixa de acreditar neles e pode não voltar a perguntar” (Aberastury, 1984, p. 129). Com essa atitude, “a criança sente uma terrível confusão e um desolado sentimento de desesperança, criado porque já não tem a quem recorrer” (Aberastury, 1984, p. 129).

Sengik e Ramos (2013) explicam a criança espera uma resposta do adulto, acredita que ele seja capaz de lhe dizer o que aconteceu. É necessário explicar-lhe que a morte é irreversível, ou seja, que a pessoa que morreu, não irá mais voltar à vida. Diante dessa situação, nota-se a dificuldade do adulto em lidar com a palavra “morte” por todo o conteúdo e sentido que ela provoca, não apenas na criança, mas também nele próprio. O adulto projeta na criança a parte infantil que não quer saber a verdade, mas também com esse atraso corta o trabalho do luto.

A criança está disposta a conhecer a verdade e pergunta-a de diferentes maneiras, mas é o adulto que teme e evita a pronunciar as palavras porque isso significa desencadear a morte, para sua fantasia inconsciente. Aberastury (1984) afirma que quando um adulto se

nega a esclarecer verbalmente a morte, perturba o momento inicial de elaboração do luto da criança, que é a aceitação de que alguém desapareceu para sempre. “A ausência se faz mais dolorosa e conflitiva. Entram em luta uma convicção do que aconteceu, que é percebido pela criança, e o que o adulto lhe relata” (Aberastury, 1984, p. 132).

No decorrer no trabalho com Lunna, percebeu-se o efeito que este silêncio sobre a morte de sua mãe teve em seu processo de elaboração, uma vez que o encerrar de cada sessão era recebido como um corte extremamente dolorido a ela, chegando a implorar por “mais cinco minutos”. Com a morte de sua mãe, perdeu o mundo que conhecia, aquele em que o genitor podia afastar-se e ao qual retornava, assim, os sentimentos de desespero e impotência eram colocados em cena a cada desenlace. Além disso, a programação da sessão era feita antecipadamente por ela e definida pelos objetos que levava para as brincadeiras. Quando levou desenhos e foi questionada sobre seus conteúdos, respondeu: “isso vai demorar muito? Programei outras coisas para hoje”. Além de diversos outros momentos onde pedia para mudar de assunto e retornar para a brincadeira, caso fosse perguntado algo sobre ela. Neste tempo, ela não possuía espaço para as palavras, apenas para os atos.

Quando se aproximou da metade do ano, a figura da mãe apareceu em seu discurso, apenas para que ela pudesse relatar algumas informações. Agosto era “O” mês em seu ano, visto que nele estavam as datas de seu aniversário, do de seu cachorro, do casamento de seus pais, bem como do nascimento e do falecimento de sua mãe. Além disso, neste mês revelou um de seus segredos, “ela roubava objetos”, estes “sempre pequenos e que as pessoas não percebiam tão facilmente”, os escolhia porque “achava que não estavam sendo cuidados e queria cuidar deles”. Lunna, que sempre reclamou de ser muito pequena, “baixinha” como dizia, falava de si mesma em seu sintoma. Demandava ser cuidada e roubava dos outros porque havia sido tirado algo de si.

“A criança não conhece muito bem como é o processo da morte, mas experimenta a ausência que ela vive como abandono” (Aberastury, 1984, p. 135) e, nesse aspecto, a linguagem tem papel fundamental, pois à medida que se oportuniza falar sobre o tema, é permitido a ela um espaço para que sua dor possa existir. Todavia, a percepção da morte como um abandono tem efeitos na transferência em um processo analítico.

Deste modo, em diversos momentos, percebia-se o lugar que era dado à analista na transferência deste caso em questão. A agressividade que Lunna não poderia direcionar a mãe morta, por haver um recalque de tal afeto, era colocada na relação transferencial. Houve tentativas de agressão física por meio de almofadas, mas a grande constância era no verbal com ofensas e críticas, as quais eram sempre em uma comparação com a mãe. A menina tinha grande desconforto com a quantidade de brincos que a analista possuía em suas orelhas, pedindo incansavelmente que ela os retirasse e fechasse os furos, porque, “ela tinha muitos buracos, enquanto sua mãe não tinha nenhum”.

Além disso, em um determinado dia que estava com raiva por um conflito na escola, indagou “o que poderia quebrar no consultório”, e insatisfeita com as opções dadas, se dirigiu até uma pedra ametista em cima da mesa e no momento que a pegou nas mãos, a derrubou. Objeto este que, em sua primeira sessão, ficou segurando enquanto contava a história de sua

mãe, além de ser da cor preferida de ambas, “roxo”. Ao ver os pedaços no chão, em meio aos pedidos de desculpa, pegou um pedaço da pedra e pediu para levar embora, e assim o fez, levou consigo um pedaço de sua mãe. A pedra quebrada foi colocada novamente em cima da mesa, e ali ficou. Não foi substituída por outra, assim como a mãe não seria.

Em todo trabalho analítico, faz-se necessário a interpretação na transferência – e muitas vezes da transferência – na medida em que, estando constituída por um elemento imaginário, constitui um empecilho ao avanço do discurso, e é através da interpretação precisamente que se torna possível aproveitar o elemento simbólico presente em toda transferência. Isto porque, de acordo com Mannoni (1985), em uma análise, o psicanalista está ali para servir à transferência das pulsões do passado, ou seja, para fazer ressurgir aquilo que permaneceu enterrado e que ainda causa problemas atualmente, e para advir aquilo que nunca teve lugar no curso do desenvolvimento, por não ter sido falado, colocado em palavras. Portanto, seu trabalho concerne ao imaginário, aos fantasmas, e não à realidade. Não tem um papel reparador ou tutelar.

Ferenczi, em *Análise da Criança na Análise de Adultos* (1931/1980), evidencia a importância do abandono da neutralidade artificial e de uma escuta somente do conteúdo verbal, privilegiando uma clínica em que o analista se envolve ativamente na transferência, colocando a situação traumática em ato para permitir sua integração à cadeia simbólica posteriormente. Para tanto, era necessário o que Dolto (1985) trazia como uma grande familiaridade com o inconsciente.

No caso de Lunna, a transferência foi colocada em ato principalmente no momento onde apareceu na internet a “Momo”, uma imagem humanoide de mulher-pássaro de olhos esbugalhados e boca repuxada, que aparecia em vídeos para aterrorizar quem os assistisse. No momento que soube do desafio que faziam na internet com sua imagem, a paciente quis assistir aos vídeos na presença da analista, e, após poucos minutos, se dirigiu até o interruptor da sala de atendimento apagou as luzes. Com a sala toda escura, uma vez que os atendimentos sempre foram à noite, colocou os cabelos sob o rosto e cantarolando dizia “eu vou matar você”, “você vai morrer”, “a Momo vai matar você”. Ao perceber que a analista não acendeu as luzes e encerrou seu ato, continuou. Segurou seus pulsos e se aproximou gritando “você vai morrer com uma estaca no seu coração”, “você vai para o inferno”. Esta sequência de frases foi repetida diversas vezes, tendo pequenas pausas onde se afastava e novamente com seu tom de voz questionava “eu te assustei?”.

Moura e Assis (2018) indicam como uma das formas que as crianças possuem para enfrentar o luto é criar um espaço onírico onde tudo é possível, onde não há regras e impedimentos para realizarem seus desejos. Isto posto, este cenário de atuação da fantasia de Lunna perdeu desta mesma maneira por outras duas sessões seguintes, havendo sempre a tentativa da analista de colocar palavras frente a angústia. Deste modo quando foi dito “assusta, a morte assusta. Eu sei que a morte da sua mãe te assusta”, possibilitou a fantasia começar a ser falada, e assim, a paciente começou a indagar questões existenciais de finitude, bem como a maneira que estaria o corpo em decomposição de sua mãe em baixo da terra. Compreendemos assim, como a aproximação de seu mundo fantasmático, daquilo que

acontece com ela não apenas no plano consciente, mas também no nível inconsciente, pode oferecer instrumentos para o profissional que trabalha com o luto infantil.

No atendimento de crianças enlutadas pela morte de um genitor é necessário estudar as fantasias que permeiam seu imaginário, ou seja, como tal situação se inscreve no mundo fantasmático dessa criança, refletindo seu processo de luto. Estas fantasias dizem respeito à concepção psicanalítica de que o sintoma, presente no processo de enlutamento, é a expressão simbólica de construções fantasmáticas (Freud, 1895/1996a). Além disso, a fantasia é a representação de desejos disfarçados, em maior ou menor grau, por processos defensivos; é a satisfação de um desejo insatisfeito, a correção de uma realidade não satisfatória. Portanto, por meio das fantasias, seria possível apreender a dinâmica do luto, tendo-se em conta os sentimentos, reações e sintomas envolvidos e o modo como a criança processa a realidade concreta da perda.

Nesta dinâmica, uma reação comum na pessoa que está de luto, como aborda Aberastury (1984), é querer seguir o destino do objeto: morrer, para deste modo não se separar. Se esse ser já não vive, não queremos viver. Nas crianças, esse impulso pode estar oculto, mas sempre existe. Em muitos casos, consiste em “microsuicídios”, e manifesta-se através de acidentes ou pequenos atos autodestrutivos, suicídios simbólicos.

À Lunna não escapou o desejo de seguir o mesmo destino de sua mãe. Contudo, havia um impedimento, uma promessa à mãe de que faria uma grande festa de 15 anos. A menina, em um primeiro momento, trouxe o desejo de morte, bem como o planejamento para quando completasse tal idade. Todavia, o falar sobre o suicídio possibilitou o descobrimento de outro cenário familiar, o qual por muito tempo teve valor de não dito, de mistério. A frase anteriormente dita de “vou ter depressão se não superar a morte da minha mãe”, teve seu contexto: a avó materna de Lunna se suicidou em 1998, um ano após a morte de sua própria mãe, por não ter conseguido suportar a dor da perda e ter entrado em depressão. O câncer no estômago de Angélica anuncia a possibilidade de o suicídio de sua mãe não ter sido digerido.

Como indica Laplanche (1992), o trauma decorre dos significantes obscuros e enigmáticos propostos pelo adulto à criança e de sua impossibilidade de responder a eles, gerando uma confusão de línguas e fazendo com que a criança procure responder aos significantes que vêm do campo do adulto através de suas próprias teorias, que trazem a marca da construção fantasmática do sujeito. Assim, o trauma resultante desse confronto é estruturante, na medida em que induz o trabalho psíquico e a elaboração fantasmática.

Desta maneira, decorridas algumas sessões de palavras postas sobre o suicídio e a fantasmática familiar, Lunna informa à analista que “decidiu por viver”, que “descobriu que gosta de viver e desistiu daquilo lá”. Passaram-se sessões e pouco tempo depois que se datou um ano de atendimento, a menina chega ao consultório e, logo que entra na sala, tenta bater na analista com uma almofada. Ao ser interrompida com uma lei de proibição, inicia com xingamentos direcionados à mesma. Assim, após várias tentativas de palavras e numerosos minutos passados, a menina ainda continuava a gritar ofensas, até o momento que a analista informa que encerraria a sessão. Tal ato evoca na paciente um grande susto, com ela alegando que “não poderia ser mandada embora por ser sua psicóloga, e por isso deveria aguentar”.

Neste momento a analista explica a ela como sua relação não se trata de um dever, uma obrigação, mas sim que há uma escolha ao escutá-la.

O fato de a analista colocar como uma escolha própria o “aguentar” de todas as atitudes da paciente, possibilita um grande efeito. Lunna diz: “você não pode querer aguentar, você não pode aguentar. Estou tentando fazer você ir embora, porque todo mundo vai embora da minha vida”. E assim continua: “eu já te xinguei, já te bati e fiz outras milhares [sic] de coisas e você não foi embora, você não pode querer ficar”, fazendo uma retrospectiva de todos os demais atendimentos onde houve atos de agressividade. Eis que então algo se tornou possível, o falar de seus medos e de suas angústias frente ao abandono tomou outro lugar em seu discurso, um de palavra e não de sintoma.

Freud (1915/2010), no texto *Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte*, oferece uma importante baliza para pensarmos a morte a partir da perspectiva psicanalítica. O autor pontua um não saber radical sobre a morte, muito mais potente que qualquer negação da cultura, já que desvela sua inexistência no inconsciente:

Para quem nos ouvisse, naturalmente nos dispúnhamos a sustentar que a morte é o desfecho necessário de toda vida, que cada um de nós deve à natureza uma morte e tem de estar preparado para saldar a dívida, em suma, que a morte é natural, incontestável e inevitável. Mas na realidade nós agíamos como se as coisas fossem diferentes. Manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida. Procurávamos reduzi-la ao silêncio [...] pois a própria morte é também inconcebível, e, por mais que tentemos imaginá-la, notaremos que continuamos a existir como observadores. De modo que na escola psicanalítica pudemos arriscar a afirmação de que no fundo ninguém acredita na própria morte; ou, o que vem a significar o mesmo, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade (p. 230).

A irrepresentabilidade da morte é a questão, de forma que, embora em contato com a experiência da morte de outros, jamais seremos capazes de tecer representações da nossa própria morte, já que a morte é a ausência de toda e qualquer representação, e, logo, nela não há atividade psíquica. Assim, se não há registro da morte no inconsciente, a imortalidade tornea a fantasia que criamos em torno desse não saber fundamental. A experiência da nossa própria morte é algo que nos foge, a novidade e a surpresa que nos esperam em algum momento, de alguma forma, em algum lugar, o irrepresentável daquilo que nunca vivemos de fato, apesar das várias tentativas de representação oferecidas por crenças, religiões, arte e ciências, que, porque não, podem também ser vistas como fruto desse mesmo irrepresentável, como tentativas de construir saberes sobre ele (Hartmann, 2005).

Freud, em *Luto e Melancolia* (1917/2010), descreve o luto como um trabalho que o ego tem de realizar para adaptar-se à perda do objeto amado, perante a percepção propiciada pelo teste de realidade de que esse foi perdido. A elaboração é um processo de identificação com o objeto perdido, no qual há retirada gradual do investimento libidinal nesse objeto e investimento em novos. Esse processo não implica o desligamento total, tendo em vista que a ligação com o objeto interno permanece e é ressignificada. É esse trabalho de transformação da relação com o objeto perdido, que permite a elaboração do luto.

Embora, como salienta Freud, o sujeito adote uma postura que foge a sua conduta normal, esse estado não deve ser visto como patológico. Um doloroso abatimento cai sobre o sujeito, onde podemos observar o desinteresse pelo mundo externo, incapacidade de escolher um novo objeto de amor, afastamento de toda atividade não relacionada ao objeto perdido. No entanto, o que vemos é uma exclusiva dedicação do Eu ao luto, não restando nenhuma energia para outros interesses. Assim, é importante que um sujeito possa viver a perda do objeto, e que não seja forçado a passar por ela negando sua existência.

O Eu não declara o objeto imediatamente perdido, mas é forçado pela realidade a admitir que o objeto amado não existe mais, o sujeito deve retirar toda libido das conexões com esse objeto, mas em contraponto, “observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal” (Freud, 1917/2010, p. 173). Quanto maior a importância que o objeto perdido tem para o sujeito, mais conexões estarão nele engendradas, e maior será a libido que nele estará investida. Dessa forma, cumprir a solicitação da vida de retirada desse investimento requer tempo e energia, e é um trabalho que é feito aos poucos, pois, de acordo com Freud (1917/2010), cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido.

Nota-se, então, que o que se perde vai além do objeto em si. Há uma perda radical do que antes estava posto para esse sujeito, e a partir de então ele se encontra sem nenhuma garantia, em processo de subjetivação que pode ativar os mais diversos mecanismos de defesas (Sirelli, 2014). Grande parte de si mesmo, das inscrições psíquicas do sujeito, bem como desejos e expectativas são sentidas como perdidas junto com o objeto.

A representação inconsciente do objeto é constituída por inúmeros traços, impressões singulares, dos quais a libido investida precisa ser retirada, logo, esse processo não pode ser instantâneo, mas sim demorado e gradual. Um objeto de grande importância para o Eu, como já mencionado, é reforçado por muitos nexos. Ao fim desse processo, o Eu estará novamente apto a reinvestir em outro objeto. Durante o luto o Eu é levado “a renunciar o objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo” (Freud 1917/2010, p. 192). Há, portanto, uma celebração da vida ao final do luto.

Durante o processo de luto, o sujeito deve encarar a perda, acontecimento que não ocorre sem dor. Deve deixar o objeto ir embora, optar por não permanecer nos escombros do que se foi (Sirelli, 2014). Em outras palavras, não há luto sem dor, é um processo necessário no qual devemos permitir que o sujeito, a seu tempo, seja capaz de desligar-se do objeto perdido e relançar-se em busca de um novo objeto. Por um período, o mundo deixa de ser interessante na medida em que ele não lembra o morto, e qualquer atividade que não esteja ligada à sua memória perde o sentido. O que ocorre, é uma dedicação exclusiva do eu ao luto.

No interessante jogo de palavras usado por Castelo Branco (2009), “o luto toma, então, o sentido do verbo lutar em português [...]: eu luto! Luto contra o vazio que tenta me abarcar, luto contra o não sentido devastador da perda e só isso me torna capaz de reagir”. Em um primeiro momento, a ligação objetual com o objeto eleito é estabelecida, sendo seguida pela perda desse objeto que varre todos esses laços de amor, esvaziando-os. Finalmente, em um

terceiro momento, estabelece-se o trabalho de luto, uma busca por ressignificar o vazio do laço amoroso e o não sentido da finitude, o real exposto pela falta do objeto, para, posteriormente, ser capaz de ligar-se a um novo objeto.

Nessa lógica, Freud (1895/1996b) aponta uma diferença fundamental entre luto e melancolia, que exceto por esse aspecto, apresentam características muito semelhantes. Ele afirma que o afeto que corresponde à melancolia é o luto, o desejo de recuperar algo que foi perdido. Trata-se de uma perda pulsional, da perda da libido. Para ele, no caso da melancolia é como se houvesse um buraco na esfera psíquica. Esse buraco nos faz pensar em algo que não pôde ser representado.

No texto *Sobre a Transitoriedade*, Freud (1916/1996c) tece considerações sobre a dificuldade de um poeta, que ao apreciar a beleza da natureza era invadido por um sentimento de tristeza, por constatar que tudo o que é belo é transitório, uma vez que está condenado a finitude. Freud conclui que o medo da perda leva o poeta a introjetar o objeto, se identificando com ele. Neste sentido, ele se perde com o objeto, tornando-se também transitório.

Na melancolia, encontramos as mesmas características do luto profundo, no qual houve a perda real de uma pessoa amada. Entretanto, na elaboração normal do luto, espera-se que a pessoa enlutada retire todo o seu investimento libidinal do objeto perdido. Isso demanda do enlutado um grande dispêndio de tempo e energia. No caso da melancolia, é como se houvesse uma negação da realidade exterior e a pessoa se agarrasse ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo. Além de todo desinteresse no mundo externo e incapacidade de escolher um novo objeto de amor, há na melancolia uma enorme diminuição da autoestima, onde o próprio Eu, e não apenas o mundo sem o objeto, torna-se pobre e vazio. O prêmio por continuar vivo não se observa no melancólico, que se culpa e se agride nessa identificação vivida com o objeto perdido.

Parece que o mecanismo fundamental para a predisposição à melancolia é a fixação da libido no estágio do narcisismo. Ao se deparar com a perda, real ou ideal, o melancólico regride a um estágio anterior no seu desenvolvimento, no qual houve uma ferida narcísica, ficando paralisado, impossibilitado de realizar o luto, uma vez que há uma retração da libido de volta ao eu. Deste modo, uma das diferenças fundamentais em relação à perda no luto e na melancolia, refere-se ao fato de que no luto a perda pode ser nomeada. No luto, trata-se de uma perda consciente, ao passo que na melancolia trata-se de uma perda inconsciente, portanto não simbolizada. Freud (1917/2006) ressalta que existe uma predisposição patológica para o desenvolvimento da melancolia, esclarece: “Entretanto, em algumas pessoas – que por isso suspeitamos portadoras de uma disposição patológica – sob as mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, em vez do luto” (Freud, 1917/2006, p. 103).

No caso de Lunna, paciente no caso clínico em questão, não havia o endereçamento a uma melancolia, esta identificação com o objeto perdido, uma sim o cenário de sua elaboração fantasmática do luto de sua mãe. Todavia, o que fica evidenciado por meio da melancolia, é que o luto não é uma reação automática diante da perda de um objeto de grande investimento, há um caminho que leva o sujeito a se tornar livre para investir em novos objetos. Há uma tarefa que implica na sustentação e manutenção desses vínculos, mesmo no vazio do objeto.

Conforme salienta Sirelli (2014), “no luto toda ambivalência de nossa relação com o objeto pode aparecer, inclusive marcada pelo ódio do objeto que se foi, pelo fracasso daquele investimento, que deixa o sujeito à deriva”. Deparamo-nos com o desamparo que nos é constituinte, e o luto pode ser uma saída encontrada diante deste. Possível, porém não única e inevitável. É uma saída que implica o sujeito ao deparar-se com a dor e a infinidade de conexões com o morto. Saída que implica lembrança, não esquecimento. As «técnicas de esquecimento» exaltadas pela sociedade e seu tabu no que se refere à morte, ao contrário, impedem um trabalho de luto adequado, recalando o que provoca a dor (a lembrança do que foi perdido). Esse recalado, no entanto, não deixaria de produzir consequências, saindo do seu lugar de não dito para assumir seu poder através da repetição (Mezan, 1989).

Ainda nas palavras de Sirelli (2014),

Como consequência, o luto pode acolher em si o que está por excelência perdido, se refazer a partir dos traços do objeto perdido, que permanecem vivos em mim, e ao desposá-los, sou convocado a uma reconstrução, a me reinventar pela incorporação, pela assimilação de seus traços. Os traços mnêmicos do objeto permanecem vivos em mim, independente da presença real do objeto. A lógica do luto é como a proposta por Nietzsche em que digestão vigora sob a ruminação, o que implica em deixar fazer parte de mim, me reposicionando diante não só da vida, mas de mim mesmo (p. 118).

Em suma, o processo de luto vai de encontro a esquecer. Ele está diretamente ligado à apropriação da dor, da ausência, como uma via para ressignificação e possibilidade de seguir em frente, apesar da falta. O sujeito se torna outro a partir dessa experiência, através dessa perda.

Sabemos, pois, que, do mesmo modo como tudo em um processo analítico, a elaboração de um luto não ocorre de maneira linear. Assim, a analista se manterá a servir à transferência das pulsões, possibilitando à Lunna este lugar de escuta, até o momento que ela conseguir guardar, dentro de si, a presença de sua mãe, mesmo em sua ausência.

“Morrer é duro.

Sempre senti que a única recompensa dos mortos é não morrer nunca mais”.

(Friedrich Nietzsche)

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1984). *A percepção da morte na criança e outros escritos*. Porto Alegre: Artmed.
- Bowlby, J. (1993). Perda: tristeza e depressão. In J. Bowlby, *Apego e perda* (Vol. 3). São Paulo: Martins Fontes.
- Branco, F.C. (2009). *Tristes Tópicos: um estudo sobre a melancolia em Freud* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, Brasil.
- Dolto, F. (1985). *Seminário de psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Domingos, B., & Maluf, M. R. (2003). Experiências de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16(3), 577-589.
- Ferenczi, S. (1980). Child analysis in the analysis of adults. In S. Ferenczi, *Final contributions in the problem and method of psycho-analysis* (pp. 126-142). New York: Brunner/Mazel. (Trabalho original publicado em 1931).
- Franco, M. H. P., & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 503-511.
- Freud, S. (1996a). Estudos sobre a histeria. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996b). Manuscrito G. Melancolia. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol. I, pp. 246-253). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996b). Sobre a transitoriedade. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol. 14, pp. 315- 319). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2010). Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). Luto e Melancolia. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2010). O inconsciente. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Guérin, G. (1979). Estar de luto. In G. Guérin, *A criança e a morte: crianças doentes falam da morte: problemas da clínica do luto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Hartmann, F. (2005). Violência e Discurso. In N. C. D. F. Rosa JR, *Violências e Contemporaneidade* (pp. 45-52). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Klein, M. (1996a). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (pp.385-412). Rio de Janeiro: Imago.
- Kraus, F., & Monroe, B. (2005). *Brief interventions with bereaved children*. Oxford: Oxford University.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mannoni, M. (1985). *A criança, sua "doença" e os outros* (3a ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Mezan, R. (1989). Esquecer? Não, in-quecer?. In: Fernandes, H. (Org.) *O tempo do desejo: psicanálise e sociologia*. São Paulo: Brasiliense.
- Moura, J. G. & Assis, M. F. P. (2018). Psicanálise e conto de fadas no processo de elaboração do luto infantil. *Perspectivas em Psicologia*, 22(1), 121-137.
- Sengik, A. S. & Ramos, F. B. (2013). Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 379-387.

Sirelli, N. M. (2014). *O trabalho de luto e a potência do esquecimento* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, Brasil.

Viola, S. (2008). *O trabalho de luto e a experiência analítica: transitoriedade e contingência*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Worden, J. W. (1996). *Children and grief: When a parent dies*. New York: Guilford Press.

Recebido em: 30-10-2019

Primeira decisão editorial: 26-11-2019

Aceito em: 02-12-2019